

RAMOS GRACILIANO

blacilios, e isto h' sempre no organo de
publicaçõs pu Literatõs, revista de
outros palabrõs, e mais tambem
romance a vicia estãcia. Dito
tarã mais alguma troço qua d. h'
da refina. Fazer-me? Debaigui
realizã no romãgio. Interrompi
coro prova do que. Jãe Olimpio vi
trabalho satipido, mas não tanto confiança
quã se pensar-me. Talvez um de gombos
de de Klauwe. Se me for opacã
quã se colaboraçã de outro a estãcia
tribuna se publicaçã das coisas que
me são puclos, eam d'ficulda
aloga se conclui-ly, pois estã uma
si se p'ficulda d'ficulda - a estãcia contã
de d'ficulda. Ulye estãcia em fim. Vou
d'ficulda se alcaigat, e resto alcaigat no
estãcia eam um abito a um jornal. Quã
mouhuo sua p'ficulda se estãcia. Ulye
mouhuo se d'ficulda se estãcia por um estãcia,
de d'ficulda. E se, por loja. Vou d'ficulda
p'ficulda tambem trabalho em d'ficulda; mas
a p'ficulda p'ficulda para V. e para
a p'ficulda e d'ficulda, e d'ficulda se p'ficulda,
Vouhuo. Atã se p'ficulda viu d'ficulda,
p'ficulda.

Graciliano

Cartas



GRACILIANO RAMOS

Cartas

8ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2011

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

R143c Ramos, Graciliano, 1892-1953
Cartas [recurso eletrônico] / Graciliano Ramos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2013.
recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 9788501404435 (recurso eletrônico)

1. Ramos, Graciliano, 1892-1953 - Correspondência. 2. Cartas brasileiras. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

13-01854

CDD: 869.96
CDU: 821.134.3(81)-6

Copyright © by herdeiros de Graciliano Ramos
<http://www.graciliano.com.br>

Reservados todos os direitos de tradução e adaptação

capa eg.design / Evelyn Grumach
ilustração Augusto Rodrigues
foto do autor Arquivo de família – Graciliano Ramos, Maceió, 1928
finalização da capa eg.design / Carlos Alberto da Silva
projeto gráfico de miolo
eg.design / Evelyn Grumach e Fernanda Garcia

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
Produzido no Brasil

ISBN 9788501404435

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002



Nota de Heloísa Ramos

Convenço-me da necessidade de publicar a correspondência íntima de Graciliano Ramos, falecido há 27 anos. Durante tão longo tempo esses papéis permaneceram comigo, parte da minha saudade. Graciliano preservava a sua identidade ao ponto de não permitir intrusões em seu espaço pessoal, era avesso a qualquer publicidade, muito contido em suas relações com terceiros e dizia que só após vinte anos de sua morte se deveria publicar seus inéditos. O escritor, cidadão que viveu o seu tempo e sobre ele opinou de maneira tão particular, deu-se generosamente a todos através de sua obra de criação, cada vez mais presente e atuante, estudada não apenas no Brasil mas também nos muitos países onde está publicada. É natural que da ressonância obtida ao longo do tempo pelos seus romances, contos e volumes de memórias, de par com sua visão acerbamente crítica da realidade, tenha surgido uma imagem idílica do homem: a obra de ficção por ele criada criou, por sua vez, a figura fictícia de seu criador. Também para não interferir com este fenômeno, legítimo e por certo lisonjeiro, preferi manter inéditos os papéis reveladores de sua convivência familiar e com amigos íntimos, que mostram sua verdadeira face.

Ocorre, porém, que aos estudos analíticos e interpretativos da obra do artista começam a seguir-se as tentativas biográficas, ainda pouco numerosas. É tempo de deixar o próprio Graciliano revelar suas relações com o cotidiano e as pessoas com as quais mais de perto conviveu — e isto sem a fragmentação de documentos e sem interpretações passionais. Os futuros estudiosos e biógrafos passam a contar com uma fonte documental direta.

Já que a tanto me resolvi, pretendo cumprir da melhor maneira este novo encargo que se junta ao da administração da obra de Graciliano, esforço que desenvolvo sozinha há mais de um quarto de século. Considero que a publicação de sua correspondência, iniciada com a dessas cartas íntimas, deve completar-se com a de cartas a amigos, escritores, críticos, editores, etc., o que não depende somente de mim. Assim sendo, solicito a quem possua mensagens de Graciliano Ramos que delas me conceda cópia e a competente autorização para divulgá-las. Aproveito para

consignar meu agradecimento a Isaura Brandão da Mota Lima, viúva de Joaquim Pinto da Mota Lima Filho, amigo de toda a vida de Graciliano, pela permissão para publicar as cartas que constam deste volume.

Rio, out. 1980
HELOÍSA RAMOS

As Cartas

1910-1914 — Palmeira dos Índios, Maniçoba, Viçosa

1914-1915 — Rio de Janeiro

1920-1926 — Palmeira dos Índios

1928 — As Cartas de Amor

1930-1936 — Palmeira dos Índios, Maceió

1936 — Os Bilhetes da Prisão

1937-1952 — Rio de Janeiro, Moscou

Pessoas e Personagens Referidas

Notas

Vida e obra

1910-1914

Palmeira dos Índios

Maniçoba, Viçosa

Nasci em 27 de outubro de 1892, em Quebrangulo, Alagoas, donde saí com dois anos. Meu pai, Sebastião Ramos, negociante miúdo, casado com a filha dum criador de gado, ouviu os conselhos de minha avó, comprou uma fazenda em Buíque, Pernambuco, e levou para lá os filhos, a mulher e os cacarecos. Ali a seca matou o gado — e seu Sebastião abriu uma loja na vila, talvez em 95 ou 96. Da fazenda conservo a lembrança de Amaro Vaqueiro e de José Baía. Na vila conheci André Laerte, cabo José da Luz, Rosenda lavadeira, padre José Ignácio, Felipe Benício, Teotoninho Sabiá e família, seu Batista, dona Marocas, minha professora, mulher de seu Antônio Justino, personagens que utilizei muitos anos depois.

1910-1914

Palmeira dos Índios. Cidade do agreste alagoano, onde, à época, Sebastião Ramos de Oliveira, pai de GR, estabelece uma casa comercial, da qual o aspirante a escritor se ocupa enquanto a família cuida da mudança definitiva de Viçosa.

Maniçoba. Fazenda de propriedade da avó materna de GR, Teresa Ferro, perto de Buíque, no sertão pernambucano, de clima seco e saudável.

Viçosa. Cidade da zona da mata alagoana onde GR passa parte da infância e a adolescência.

1

A MARIA AMÉLIA FERRO RAMOS

Logo apareço, daqui a uns dez anos

Palmeira, 14 de novembro de 1910. Minha mãe: Recebi sua carta, mas só agora posso responder por não ter tido portador seguro. Estimo que tudo por lá vá em paz. Marili está boa, não é assim? E Carmem?

Aqui estamos todos bons nesta santa Palmeira, terra que, se não é boa, sempre é menos ruim do que eu julgava. Aqui não há cafés, há maus bilhares, pouca cerveja, nenhum divertimento. Enfim gasta-se pouco dinheiro e vende-se alguma coisa, (1) isto é, ganha-se mais do que se gasta.

Adeus. Lembranças às meninas. Logo apareço, daqui a uns dez anos. Graciliano. E as minhas ceroulas? Estou quase nu.

2

A MARIA AMÉLIA FERRO RAMOS

Guarde todos os meus Malhos

Maniçoba, 19 de junho de 1911. Minha mãe: Aqui cheguei em *paz e salvamento*, graças a Nosso Senhor Jesus Cristo. Isto aqui é bom como o diabo: acorda-se às cinco da manhã, leva-se o dia lendo, fumando, comendo e rezando; dorme-se às nove da noite. Uma vida de anjo. Quando chegar aí — está compreendendo? — hei de ter o corpo pesando 70 quilos e a alma leve de pecados, tão leve como os *vagons* que levam material para a construção da estrada de ferro de Palmeira. Fui visitar o tal Lajedo das Cobras, segundo a senhora insinuou-me, e não vi nada que se parecesse com cobras.

Tenha a bondade de dizer-me onde ficam esses bichos, sempre tenho vontade de admirá-los. Só se são umas listas pretas que há em cima da pedra. Mas quem lhe meteu na cabeça que aquilo eram cobras, hem? Nem semelhança, minha senhora! Ali nunca houve cobras nem nada. Isto agora está seco, sabe? um pouquinho seco. A água do Ipanema tem assim uns tons de verde-paris: é mesmo da cor do açude daí. Por aqui nada de novo, tudo na santa paz do senhor... não, há uma *coisa* de novo: o Siriaco, o velho Siriaco, o impagável, o incomensurável Siriaco. Diga a meu pai que lhe não escrevo porque nesta carta vai tudo o que é preciso dizer.

Adeus. Lembranças às meninas, a tia Ju, etc. Recomendações à família do sr. Antero, a d. Iaiá, e mais a algumas pessoas conhecidas. O filho e amigo Graciliano. NB: Mando dizer ao Antônio Panta que guarde todos os meus *Malhos*. (2) Não se esqueça deste recado. Lembranças a d. Anatólia.

3

A SEBASTIÃO RAMOS DE OLIVEIRA

Querendo, pode mandar montaria

Maniçoba, 21 de julho de 1911. Meu pai: Há mais de um mês que aqui estou e creio que me tenho dado bem com o clima do sertão. Estou perfeitamente bom. Só agora tenho ensejo de escrever-lhe. Querendo, pode mandar montaria. Caso mande, peço-lhe que mande logo que receba esta carta, porque daqui para o fim do mês desejo voltar; se não vier portador de lá irei com o Félix Guengue.

Encontrei-me com o padre João Inácio e com o José Leonardo. Ambos mandam-lhe lembranças. Adeus. Recomendações a todos. O filho e amigo Graciliano.

4

A J. PINTO DA MOTA LIMA FILHO

Santo Antônio é muito nervoso e tem um medo danado de relâmpagos e trovões

Palmeira, 27 de outubro de 1911. Amigo Pinto: Dominus tecum. Eu não te escrevo somente por gosto de escrever: escrevo-te para pedir-te uma informação, duas informações quero dizer, sobre assuntos que muito me interessam. Rodolfo escreveu-me há dias uma carta. Não tratei de respondê-la logo, perdi-a, estou agora sem saber o endereço do ex-futuro membro da Academia Brasileira de Letras. (Falo assim porque ele abandonou covardemente aquela obra monumental que estávamos a escrever, com o pseudônimo de M. Soares.) Voltando à vaca fria, quero que me mandes dizer o número da casa em que ele mora. Apenas sei que é na Rua dos Arcos.

Vamos ao outro assunto, o principal, o ponto capital desta carta.

Li no *Jornal de Alagoas* as penitências de um tal Rui d'Alcântara, um indivíduo que, sofrendo uma violenta crise de caiporismo, escapou de comer *cuscuz* com cabelos e de tomar café pelo bico de um bule, um pobre-diabo que *viu estrelas* em uma noite tempestuosa de junho. Hás de dizer que não vem a propósito falar aqui no caiporismo do Rui; mas sempre desejo saber se conheces alguma coisa a respeito desse teu conterrâneo, esse tipo que parece aparentado com o nosso ex-embaixador em Haia e com S. M. D. Pedro Banana, que o diabo tenha debaixo de sua santa guarda. Creio que esse Rui d'Alcântara é um falsário, um indivíduo que, antigamente, com o nome de Aníbal não sei de quê — uma mistura de italiano com espanhol —, andou viajando pelos Andes, pendurado nas garras de uma águia. Mas o Alcântara foi mais infeliz que o Aníbal, porque ao menos este não passou um dia sem comer. Também cabelo não é lá muito bom alimento, principalmente para um pobre de Cristo que passa uma horrível noite de penitência, em risco de morrer afogado, vendo uma coisa que ninguém nunca viu — uma trovoadas em junho. Dize ao Rui, se o conheceres, que Santo Antônio é muito nervoso e tem um medo danado de relâmpagos e trovões. Mas deixemos em paz o Alcântara (cujo trabalho agradou-me, tirando-lhe os trovões, é claro) e falemos de outras coisas, de coisas secundárias.

Que é feito da Argos?

Não admires minha ignorância a tal respeito, que aqui vivo absolutamente isolado.

Tens continuado a escrever? Finalmente, creio que cultivas o realismo, mas em tudo que escreves aparece claramente o imaginário, o impossível. Eu tenho sido caipora, porque tudo quanto produz é miseravelmente assassinado pelos senhores tipógrafos. Apenas um dos meus trabalhos, uma coisa parecida com juízo crítico sobre o *Il cacciatore di smeraldi*, de Carlo Parlagreco, teve poucos erros, malgrado ter sido estragado um trocadilho com que eu fechava o *troço*. Eu escrevi: “Se o senhor Carlo *parla greco*”, saiu publicado: “Se o senhor Carlo *parla grego*”. Ora não há *grego* em

italiano — há greco. Demais o Sr. Carlo é Parlagreco e não gosta que lhe mudem o nome, como disse Eça de Queiroz.

Aí está, meu Pinto velho dos pés compridos. Eu sou um mártir dos revisores e dos tipógrafos. Em dois sonetos meus houve estas encantadoras trocas: *pranto* em vez de *ponto*, *triste* em lugar de *tonto*, *bramido* por *brunido*. É verdade que *bramido* e *brunido* são quase a mesma coisa — quase não houve alteração. Outro assunto. Creio que, para o ano vindouro, ainda irei passar uns dois meses no sertão. Queres ir comigo? São dois meses de absoluta ociosidade, dois meses de vida turca. Poderás, à vontade, falar sobre história... de Mil e uma noites, Contos da carochinha, etc. Ainda estás muito pegado às lendas?

A propósito de lendas, está fundado aqui o Grêmio Literário Correia Paes, uma sociedade exemplar, extraordinária, que se propõe a ensinar leitura a muita gente boa daqui. Vou terminar. Adeus. Recomendações a d. Zefinha, d. Nane e d. Iaiá, muitas lembranças ao Revmo. Mota Lima, e mais alguém que ainda por aí se lembrar do Graciliano Ramos.

P.S. Hoje é um dia de tristeza para mim — envelheci mais um ano.

5

A J. PINTO DA MOTA LIMA FILHO

Este meu corpo é um saco de moléstias

Palmeira dos Índios, 7 de fevereiro de 1913. Meu velho: Fiz um papel desgraçado em não te escrever quando recebi o almanaque. Mas a triste figura que fiz teve um motivo: tenho estado doente como um corno. Doença nos dentes, doença na garganta, doença nos ossos, doença em partes inconfessáveis, uma chusma de achaques que sinto sempre que se avizinham chuvas. Este meu corpo é um saco de moléstias. Enfim posso escrever-te hoje. Começo por agradecer-te a remessa do almanaque. Desejaria, porém, que me houesses mandado dizer o preço do bruto, para a coisa não ficar parecendo um presente pedido, pois que tu não tinhas a ideia de me oferecer um exemplar do Almanaque do Malho. Não fui passar o carnaval aí, conforme teu convite, porque, durante os três dias de mascarada, estive com o queixo inchado como todos os diabos.

Não havia de ser bonito ir visitar tua terra, numa época de festa, com uma máscara natural deste tamanho pregada à cara. Mas cá fico sempre esperando que cumpras a promessa que me andas fazendo há muito tempo, grandíssimo bandalho! Não gozarás aqui de grande conforto — mas sempre encontrarás um quarto com duas cadeiras e uma mesa, um bocado de livros, uma bilha d'água, papel, penas e tinta, enfim o necessário a um indivíduo que tem fumaças de literatura. Perguntas se ainda estudo o italiano. Não, eu não estudo nada: já sei muito, mais até do que era preciso saber. Quanto ao conselho que me deste sobre o francês, língua miserável inventada pelo diabo para tormento dos infelizes como eu, não o tomei e é muito provável que o não tome. Tenho aqui um método de Brunswick, que não me serve de nada por enquanto. Se quiseres, poderei trocá-lo temporariamente pelo teu Pereira. Agora, visto os caminhos estarem mais curtos por causa da estrada de ferro em Quebrangulo, não deves ter medo de moer o resto de tuas carnes em grandes caminhadas em cavalos maus, e espero que afinal venhas iluminar minha pobre palhoça com tua presença e minha velha cabeça com as luzes de teu espírito. Se resolveres vir, avisa-me com antecedência, para que eu me prepare com tempo para ouvir sem espanto as grandes coisas que me hás de dizer ou ler. Não te esqueças de trazer contigo umas *noites de penitência*... Eu agora estou burro *pra burro*. Dá lembranças a todos os teus, especialmente ao dr. Mota, e recebe um abraço do amigo velho Graciliano Ramos.

P.S. Eu já não leio jornais. Se vires no *Malho* alguma coisa minha, faze-me o favor de cortá-la e meter dentro de alguma carta que me escreveres. Tens recebido carta de Rodolfo? G. Ramos.

6

A SEBASTIÃO RAMOS DE OLIVEIRA

O apurado ontem foi 515 mil-réis

Palmeira, 31 de agosto de 1913. Meu pai: Recebi sua carta e ainda desta vez não posso informar sobre o negócio da venda de quatro burros a Júlio Amorim. Mandei pegar os animais, como o senhor mandou em uma carta, mas o comprador, depois de vê-los, resolveu ficar apenas com dois, o que não me pareceu razoável, porque ele

naturalmente escolheria os melhores, coisa que não tinha combinado consigo.

Da outra vez esqueci-me de mandar os jornais pelo Clodoaldo, mas mandei-os por uma pessoa (não me lembro quem) que me disse que havia de encontrar-se consigo. Vão pelo Clodoaldo os desta semana.

Já sabia que o senhor tinha recebido 100 mil-réis do sr. Isidoro. O freguês de que fala em sua carta não veio saldar, como lhe prometeu. O apurado ontem foi 515 mil-réis. Pouca gente tem aparecido para saldar.

Adeus. Lembranças à minha mãe e às meninas. O filho e amigo Graciliano.

7

A J. PINTO DA MOTA LIMA FILHO

Inconveniente hábito de montar nas ventas do próximo

Palmeira, 2 de fevereiro de 1914. Pinto: Saudosos tempos *pautílicos*, palestras *dominicais*, *helvéticos* discursos, *hostilidades* amorosas, preceptoras *luzentes*, cacetadas *olímpicas*, *augustas* festas de igreja (3) — que resta de tudo isto?

Como foi que esse espírito impregnado de alexandrinos franceses conseguiu esquecer tão depressa aquelas impagáveis rezas e aquelas correrias doidas por entre bancas de jogos, em busca de uns grandes olhos negros e de uns cabelos complicadamente encaracolados? Já não te lembras, bandido, de umas graves censuras portuenses contra um simples *brandão* apagado que pretendia esclarecer certos disparates *livianos* (com i)? Já não há em teu espírito uma recordação ao menos desta boa terra onde a maior parte da gente gosta de cavalgar nosso humilde nariz, quando tomamos cerveja? É por isso, é por causa do inconveniente hábito de montar nas ventas do próximo, que alguns indivíduos aqui se chamam *cavalcantes*.

Que é dos sonetos, miserável? Que é da correspondência francesa que prometeste? Não te mando agora alguma coisa, como combinamos, porque ainda estou a trabalhar naquele conto que me deixaste a fazer. Desenvolvi-o, ampliei-o, estão escritas já quase setenta tiras. Se chegar a concluí-lo — o que acho difícil, quase impossível, porque caí na tolice de me meter em certas funduras — talvez te mande uma cópia.

E tu, meu filho, que é que tens feito? Já acabaste aquela diatribe que andavas a preparar contra o *menino sublime*? E os versos, os grandes trabalhos artísticos? Olha

que eu estou aguardando uma rédua de alexandrinos teus. Se os fazes como fazias aqui aqueles célebres sonetos filosóficos, a coisa é fácil. Tenho esperado cartas tuas, mas em vão.

Estás perdoado. Também eu não te escreveria agora, como já deves ter compreendido, se não precisasse de um favor teu. Uma bonita criatura esbelta, de saia estreita, olhos lânguidos, nariz levemente recurvado e fala suave, uma aparição deliciosa enfim, desceu um dia do céu e me disse, num tom de angelical indignação, que não tinha encontrado aqui contas de aljôfar. (Está aí um período que não é nada realista.) Não sou propriamente um daqueles *augustinos* que viviam adulando as imperatrizes romanas, mas prometi as contas à moça. E aí está porque te peço que me compres o dinheiro que vai junto de contas de aljôfar brancas, pequenas, boas.

Mandar-me-ás a encomenda pelo correio, registrada, com a maior brevidade possível. Se não encontrares isso por aí, creio que te não será difícil pedir as contas para Maceió. Ficar-te-ei muito obrigado. (Aí estão alguns períodos que não têm nada de romântico.)

E as *pautilificações*? Continuas ainda muito *equestre*? A rosa daquela noite já murchou? Manda-me dizer alguma coisa sobre o estado de tua alma. Eu nunca mais a vi. De longe apenas, algumas vezes. Não aparece mais à janela. Creio que o sol *lhe* tinha queimado o rosto. Pudera! um mês inteiro recebendo aquela quentura na cara. Parece-me que o Lalá acabou de afrouxar o resto dos parafusos — cada vez mais anda desengonçado.

Recebi o retrato de Rodolfo. Gordo como o diabo, não achas? O dr. Mota que me mande sua bênção apostólica. Dize-lhe que lhe mandarei breve, quando tiver portador para aí, *Les morts qui parlent*. Lembranças ao Doca, a d. Zefinha, d. Iaiá e d. Nane. Recebe um abraço do Graciliano.

N.B. Deixaste aqui uma camisa, um pente e um espelho. Devo mandar estas coisas à Pautila, como recordação tua? Não te esqueças das contas. Escreve-me, Graciliano.

8

A J. PINTO DA MOTA LIMA FILHO

Nunca estive tão burro

Palmeira, 8 de fevereiro de 1914. Pinto: Recebi a primeira carta da correspondência francesa e traduzi-a com facilidade. Não falei sobre ela no que te escrevi por uma razão muito simples — não a tinha recebido ainda. Fiquei satisfeito ao saber que continuas a fustigar o quengo e a arrancar dele várias coisas aproveitáveis. Já se vê que me não refiro aos alexandrinos sem sentido que mandaste ao *Malho*. Achei a carta do Japuru interessante, magnífica, cheia de uma seriedade idiota de indivíduo que tem muita certeza de estar fazendo coisa boa. Fiz a tradução do *Désillusion*, mas não me parece ainda apresentável. Vou modificar alguns versos, transformar a primeira estância, ver se posso fazer um trabalho digno do original. Se não tens muita pressa, posso passar com ele mais alguns dias. Agora estou numa quadra de estupidez medonha. Faz quase duas semanas que não faço nada — nunca estive tão burro. Coisa alguma pode deter meu pensamento diante da tira de papel. Agora mesmo, enquanto te estou a escrever, a pena para sem que eu o perceba, minha imaginação vai se ausentando pouco a pouco, atravessa o Quadro, desce, mete-se pela Rua de Baixo e põe-se a doidejar por aqui, por ali. Não há nada que a possa deter. Tenho raiva. Que fazer? Sei lá. Faz mais de uma semana que Marcos Valente e Lima Filho estão na igreja, feito dois malucos, ouvindo umas rezas que nunca mais se acabam. No outro lado, junto da grade, há uma criatura de olhos negros e há uma criatura de cabelos encaracolados. Querem sair, não podem. Quem me dera poder afastar tanta gente da igreja! Quem me dera poder libertar os dois pobres-diabos que ali estão! Idiotas, imbecis, verdadeiros pobres-diabos. Há gente que vive do prazer de ser enganada. Que triste prazer! Dize-me com franqueza — tu acreditas nessas coisas? Eu não posso. Estive, há dias, a palestrar com essa criatura que te prende. Falamos de ti longamente. Parece que guarda recordações tuas. Não sei. O melhor é abandonar tudo isso e meter-se a gente em casa a fazer contos e a fazer versos, quando se pode, já se vê, quando a imaginação vagabunda não anda a voar à toa, de rua em rua. A causa de nossos maiores pesares, de nossas mais complicadas tristezas, não vale, de ordinário, uma lágrima. Mas nós, sabendo que tudo é burla, continuamos a ser enganados de muito boa vontade. Não me refiro a ti — refiro-me a nós todos. Admirei-me de não teres feito mais que concluir o *Désillusion*. E dizem por aí que essas coisas inspiram. Inspiram mágoas, pesares... Espero que me mandes em breve uma chusma de sonetos. Aproveita esse bando de saudades que se agitam em teu espírito — o Natal, a festa de Palmeira de Fora, as novenas, aqueles olhares de carvões em brasa, a janela ao sol, o *Questa o quella*... Tu me prometeste versos, muitos versos. Eu não os posso fazer. Já é um prazer ler os teus. Estou infecundo. Aquele monte que nós víamos do oitão da

igreja, ao longe, azul, doirado pelo sol da tarde, não é o Parnaso, com certeza. Que vida levas tu aí? Sais, estudas, escreves, tomas banho no Paraíba, jogas bilhar? Eu não faço nada. Comecei a ler a *Origem das espécies*, *O capital*, *A adega*, *Napoleão — o pequeno*, *A campanha da Rússia*, uma infinidade de gramáticas e outras cacetadas. De nenhum livro cheguei a ler vinte páginas. Esquecia-me de dizer-te que li diante de tua Déa a tradução que fiz do teu soneto. Bom, muito bom, achou tudo muito bonito. Não tenho mais assunto. O resto fica para outra vez. Escreve-me sempre. Dá muitas lembranças ao dr. Mota, ao Doca, a todos os teus. Recebe um abraço do amigo velho Graciliano.

P.S. Pedi-te em minha primeira carta que me mandasses umas contas. Até agora não recebi nada. Se não recebeste o que te escrevi, aqui renovo meu pedido — manda-me dois, três ou quatro mil-réis de contas de aljôfar, brancas, pequenas. Mas, como já te disse, tenho muita precisão das contas. Peço-te, portanto, muita pressa. Manda-me sem falta na volta do correio.

9

A. J. PINTO DA MOTA LIMA FILHO

O velho Sebastião já mandou quatro vezes que eu largasse isto e fosse fazer a correspondência comercial

Palmeira, 18 de fevereiro de 1914. Pinto: Recebi tua carta de 9 ontem à noite. Escrevo-te agora às 8 horas da manhã, rapidamente, para não perder o correio. Falemos intelectualmente; falaremos depois *coracionalmente*. Se estivesses aqui presente, dava-te um abraço capaz de rebentar todos os teus ossos. Esse *Mirage* está delicioso — melhor, muito melhor que o primeiro. Não o mandes para o *Jornal de Alagoas* se não queres passar pela raiva de vê-lo *esculhambado*. Se lá se desgraçam até os próprios trabalhos feitos em português. Quando tiveres concluído a reforma do *Désillusion*, manda-me uma cópia. Tenho também de transformar alguns versos da tradução que fiz, mas espero que tenhas feito primeiro as modificações que desejas. Não podia ser de outra maneira. Quando viste publicada no *Malho* essa extraordinária *Cornucópia*, o fruto mais perfeito da parvoíce humana, com que cara ficaste? Puseste

ao lado, na margem, um grande ponto de interrogação. E eu respondo, muito naturalmente: — Sei lá! Naturalmente, não leram a droga. Se leram, são uns burros. O Policarpo Japuru esperou pregar uma troça ao *Malho*, mas saiu logrado. Ah! V. julgava estar fazendo coisa sem sentido? Não, senhor, tudo aqui está muito bom, fique v. sabendo. Não seria melhor mudares aquele *doux* do primeiro verso da última estância? “... *si doux d’entendre*”. Não é uma observação, Deus me livre de pensar em tal. Já disse que achei o soneto magnífico. Não sabia que a métrica francesa manda alternar no soneto versos graves com agudos. Eu te disse uma vez que versos agudos só eram aceitáveis nos tercetos. Mas eu falava sobre a poesia portuguesa, brasileira, quero dizer. Tu o poderás ver na *Versificação* de Olavo Bilac e Guimarães Passos.

Falaste sobre uma semelhança que há entre os tercetos dos dois sonetos. Li, com cuidado, a chave de ambos. Não sei onde está a tal semelhança.

Não ouvi falar ainda na substituição que te disseram ter sido feita. Enganaram-te, parece-me. Passo diariamente... ou antes noturnamente (como diz o Lalá) duas horas deliciosas... Dizem-se tolices, olha-se o céu cheio de estrelas, passa-se rapidamente um tempo infinito. E há pequeninas coisas que têm uma grandeza extraordinária. Tudo aquilo é mentira, eu bem sei. Mas há gente que sente prazer em ser enganada. Foi numa ocasião assim que *nós* nos encontramos com tua *ela*. Falamos sobre viuvez, saudades, coisas *del cuore*... E ela ouvia com prazer, ria, falava também. Ultimamente houve aqui duas *badernas* formidáveis, a segunda melhor que a primeira. Coisa feita pelo dr. Helvécio, a coisa melhor que há por aqui agora, o nosso patrono, o patrono da gente moça. Foi na segunda *baderna* que *nós* nos encontramos com ela. “— Dê-me notícias do sr. Pinto.” “— Ah! O sr. Pinto vai muito mal. Vive a escrever versos franceses e a suspirar por essas longínquas Viçosas. Está escaldando, está ardente.” Nem me lembro mais o que dissemos. Tanta coisa! Li diante dela a tradução que fiz do teu soneto. Creio que já te contei, não? Faço tanta coisa! Já nem me lembro do que faço! Lamentei que vocês não tivessem feito relações mais íntimas. E disse: “— Perderam muito tempo. Dois meses somente em olhares e sorrisos! E a calçada da Intendência aí tão próxima...” E outra pessoa que estava conosco concordava, por trás do leque, que vocês tinham perdido muito tempo. E *ela* ria com aquele modo preguiçoso que tu conheces... Os olhos lânguidos, os braços caídos, todo o corpo pendido para a frente num abandono... Fizeram-se confidências. Ah! se tu estivesses aqui. Nem sabes o que perdeste. Uma *baderna* formidável com gente escolhida, uma cervejada levada do diabo, moças em quantidade. Imagina que lá estive o pessoal do Oásis. E a gente ia ficando lá até três e meia da madrugada, presa pelas leis do atracão,

as leis que eu conheço, que tu conheces, que nós todos conhecemos.

São 9 horas, o correio vai sair, o velho Sebastião já mandou quatro vezes que eu largasse isto e fosse fazer a correspondência comercial. Não sei se chegarei com tempo de encontrar o correio. Falar-te-ei com mais vagar em outra carta. Creio que é de nosso interesse mútuo que ninguém veja o que escrevemos.

Adeus. Recebe um abraço de quebrar ossos. Graciliano.

N.B. O velho Sebastião como um Cérbero anda a me vigiar. Tem uma raiva desesperada das tolices que eu faço. Eu finjo que não entendo. Não tenho tempo de ler o que escrevi — naturalmente um bando de asneiras.

10

A J. PINTO DA MOTA LIMA FILHO

És um animal extraordinário

Palmeira dos Índios, 22 de fevereiro de 1914. Pinto: Escrevo-te rapidamente à hora da partida do Padilha. Não tenho tempo de dizer muita coisa. Como vai o Carnaval por aí? Aqui um *esculhambamento* de morte.

Estive há pouco a ler inda uma vez teu *Mirage*. És um animal extraordinário. Compreende-se que se possa, aos vinte e quatro anos de idade, fazer versos passáveis, mesmo quando se não tenha aprendido a fazê-los. Mas que se principie por fazer sonetos alexandrinos em francês... Aceita inda uma vez meus parabéns.

Como vamos de amor? Saudades ainda? Vai fazendo versos, versos sempre, versos líricos, para matar saudades. O meu *Sudra* anda pela página 86. Escrevi ultimamente *As Estrelas*... Se o Padilha me der tempo, tirarei aqui uma cópia. Manda-me o que tens feito. Escreve-me sempre. Que é da flor? Teu velho Graciliano.

11

A J. PINTO DA MOTA LIMA FILHO

Está magnífica! Cada vez mais lânguida, com aquele ar sorna e velhaco

Palmeira, 13 de abril de 1914. Pinto: Reconheço que tenho sido sofrivelmente bruto em não te haver respondido ainda as duas últimas cartas que me mandaste. Economia de tempo, de papel, de trabalho: preguiça.

Sinto-me incapaz de escrever. Queres crer que a última coisa que me saiu da cabeça foi aquele pobre *Estrelas*? Abandonei o *Sudra*, faz mais de um mês que não olho para ele. E já estavam escritas cento e cinquenta tiras. Não posso fazer nada: sinto-me mais bruto que de ordinário. E tu, que tens feito? Como vais? Quanto soneto já fizeste depois de *Mirage*? Parlapatão! Mentiroso! *Passeios, beijos, palavras açucaradas...* Patife! Tu algum dia passeaste com ela, safado? Algum dia beijaste a moça? Toda essa corja de sujeitos que fazem versos mente, e mente muito. Detesto semelhante gente. Quero acreditar que para o futuro serás menos mentiroso.

A rapariga do *Mirage*, a dos *passeios, dos beijos, das palavras doces*, manda-te lembranças. Tive vontade de traduzir o teu soneto diante dela. Mas depois pensei... Não, era uma tolice. Se ela soubesse que tu tinhas dito que a tinhas beijado, mandava-te às favas. É uma grande coisa a gente escrever versos em francês... Está magnífica! Cada vez mais lânguida, com aquele ar sorna e velhaco de quem tem preguiça até de falar, até de olhar para a gente. Magnífica!

Eu tenho estado um bocado desgostoso. Mandou-me daí *alguém* dizer ter sabido que eu andava a fazer a respeito do mesmo *alguém* referências pouco linsonjeiras. Tu sabes que eu, que só tenho motivos para ser muito grato a essa pessoa, pela grande cópia de gentilezas que sempre recebi dela, não sou tão canalha como algumas pessoas pensam. Que te tenho eu dito sempre a respeito dela? O que é certo é que ninguém, absolutamente ninguém, terá sido capaz de afirmar que eu molestei essa amável pessoa, atirando sobre ela comentários maldosos: todas essas coisas nasceram da fantasia da própria pessoa que se julgou ofendida. Digo-te isto aqui entre nós, em segredo. Não me quero justificar.

Ainda ontem ri muito: estiveram-me a contar, com todos os pormenores, as amáveis referências que uma velha senhorita palmeirense tinha deitado sobre mim: canalha, miserável, infame, patife, pulha, bandido, assassino até, toda a linguagem que costuma usar a boa imprensa alagoana. Engraçado, não? Pensas que me zanguiei? Não — respeito muito as ideias dos outros. Lembraste do que te disse eu durante o Natal? Um bando de tolices, muitas verdades. Eu, em meu *Sudra*, previ tudo. Uma pândega...